

# TOPOFILIA E PROSELITISMO

## TOPOPHILIA AND PROSELITISM

Reginaldo Nascimento Neto 1

**Resumo:** Este artigo versará sobre a topofilia como um vínculo afetivo que se desenvolve para com o lugar de naturalidade, tornando essa relação profusa de elementos psicológicos e emocionais suscetíveis à manipulação ideológica. Entabulam-se as considerações elencando o parentesco etimológico das palavras homem e terra, como indícios primitivos da relação humana com o lugar, também evidente nos genitivos. Busca-se a etiologia do senso de pertencimento à terra e seu uso em ações de proselitismo.

**Palavras-chave:** Toponímia. Identidade. Pertencimento. Proselitismo.

**Abstract:** This article will deal with topophilia as an affective bond that develops towards the place of naturalness, making this profuse relationship of psychological and emotional elements susceptible to ideological manipulation. The considerations are listed by listing the etymological kinship of the words man and land, as primitive signs of the human relationship with place, also evident in the genitives. The etiology of the sense of belonging to the land and its use in proselytizing actions is sought.

**Keywords:** Toponymy. Identity. Belonging. Proselytism.

A Certidão de Nascimento é o documento judicialmente reconhecido que averba os dados lavrados em livro no cartório de registro civil tais quais, nome, progenitores, data e local do nascimento de uma criança, e é relevante por ser o primeiro passo para o exercício da cidadania.

No entanto, o lugar onde se nasce estabelece um senso de vínculo e pertencimento maior que esse assentamento oficial e não decorrente dele.

Tal fato pode ser percebido na lírica *A Canção do Exílio*, do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias (1823 — 1864), escrita enquanto exilado em Portugal e diz<sup>1</sup>:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar – sozinho – à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras;  
Onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores,  
Que tais, não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho – à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que eu desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Tanto o Hino Nacional Brasileiro, de Francisco Manoel da Silva e Joaquim Osório Duque Estrada, quanto a Canção do Expedicionário, de Spartaco Rossi e Guilherme de Almeida, dão eco a esse sentimento empregando, respectivamente, desse poema, os trechos: nossos bosques têm mais vida, nossas vidas mais amores, e por mais terras que eu percorra, não permitas, Deus que eu morra, sem que volte para lá.

A intimidade com o lugar se faz notar também na etimologia da palavra homem (lat. homo, hominis), que, consoante Valpy (1828), advém de húmus (terra, pó), presente nas palavras exumar (ex – fora e humus – terra), humilde (o que se mantém próximo ao chão)<sup>2</sup> entre outras. A raiz PIE<sup>3</sup>dhghen, conforme Watkins, (2011), significa terrae serviu de base para um grande número de palavras significando ser humano nas línguas dela derivadas ao alegar que:

A forma do caso locativo \*dhgh(e)mon – “sobre a terra” poderia tornar-se um substantivo, \*dhgh(e)mōn – “aquele que está sobre a terra, terráquio, ser humano”. Em latim, ela veio a

<sup>1</sup> Disponível em [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/primeiros cantos.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/primeiros cantos.pdf). Acesso em 14 de setembro de 2018.

<sup>2</sup> Quando Virgílio fala sobre Mercúrio em sua Eneida IV, 255, fá-lo análogo a um pássaro que voa baixo, perto do chão, com a expressão humilis volat.

<sup>3</sup> PIE - Protoindo-europeia. PIE é hipoteticamente a língua ancestral comum das línguas indo-europeias. Como Albanês, Anatólio, Armênio, Báltico, Céltico, Dácio, Germânico, Grego, Ilírico, Indo-iraniano, itálico, Frígio, Esloveno, Trácio, Tocariano. O termo foi cunhado por Thomas Young, um médico e egiptólogo britânico em 1813. A gramática comparativa de Franz Bopp tornou esses estudos uma disciplina acadêmica. Cf. Auroux (2000).

ser *homo*(o radical de *homin-*, e *hemon-* no latim arcaico), “homem, ser humano” onde o aglomerado de consoantes \**dhgh* foi simplificado para *h*. (WATKINS, 2011, p. 20).

Portanto, o parentesco etimológico das palavras *homem* e *terra* apresenta indícios primitivos da relação humana com o lugar.

O vinculado afetivo e de pertencimento à terra manifesta-se também na identificação da pessoa anteposta a sua procedência, como visto no capítulo anterior quanto à palavra holandesa *van*, versão da alemã *Von*, bem como em Dauzat (1926, p. 191-194), concernente à composição do nome do território oriundo do genitivo de posse.

Terra (2005) bem retrata essa relação afável de simpatia psicológica que surge naturalmente no indivíduo ao dizer que:

Quando criamos uma identidade com o lugar em que vivemos, ele é algo para nós, nossa memória guarda sobre ele percepções e vivências com as quais nos identificamos. Portanto, estabelecemos com o lugar uma relação de afetividade (TERRA, 2005, p.5).

A relação de afetividade resultante da identidade com o lugar onde se vive, ou onde as experiências assinalam memórias e senso de pertencimento funde pessoa e lugar, como se fossem a mesma coisa.

As categorias de espaço, território e lugar são relevantes para este estudo porque são termos que designam aspectos diferentes quanto à relação pessoa-geografia-poder, vitais à compreensão da gênese do senso de pertencimento e afeição social emergentes nos indivíduos como se verifica a seguir.

A dimensão geográfica-espacial representa um fator de grande relevância social e identitária. Por causa disso, é necessário abordar as categorias de espaço, território e lugar como categorias que abarcam um recorte sócio-cultural.

Para Santos (1994, p.71), “o espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” e, para Buttimer (1982), é a localização física estática de um ponto geográfico, enquanto que, para Tuan (1979, p.398-400) *apud* Holzer, 1997, p. 120), ele é uma circunstância objetiva, na medida em que a experiência e sua apreensão são substancialmente a mesma independentemente da linguagem, é o derredor, e pode ser percebido em sua extensão tridimensional: à frente - à retaguarda, à direita - à esquerda; acima - abaixo, e submete essa estrutura também à circunstância de tempo, pois, *a análise da experiência espacial parece requerer o uso de categorias temporais* de presente, passado e futuro (TUAN, 1979, 398-400).

Conforme Andrade (2017, p. 594), a relação homem e meio se estabelece através do espaço. Isto é, o espaço é um fator social. Tendo-se em vista que, o espaço reflete a sociedade, então uma sociedade que seja dividida em classes, essa divisão também se manifestará no espaço.

Um dos primeiros a definir espaço foi o filósofo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C). Para ele, o espaço era o oposto do vazio, e não o considerava como resultado da ação do homem.

No entanto, a percepção de que o espaço “é produto das relações entre homens e dos homens com a natureza, e ao mesmo tempo é fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram” (ALVES, 1999), então, o espaço passa a ser entendido como a “materialização das relações existentes entre os homens na sociedade” (ALVES, 1999).

Quando se estabelece uma relação de poder atrelada ao espaço surge aí, o conceito de território.

Bonnemaison (1981, p. 254) conceitua território como “uma coleção de lugares denominados e apropriados geograficamente”, portanto, um arquipélago.

Conforme Santos (2000, p.62), a princípio, o território era um elo tão relevante na formação da identidade e do senso de pertencimento dos indivíduos, que fazia surgir o sentimento de domínio e apropriação do espaço, por isso, hoje o território é composto de estruturas

econômicas, políticas e culturais.

Diferentemente de espaço e território, o conceito de lugar leva em consideração a experiênciacotidiana compartilhada entre diversas pessoas e sua relação afetiva com o espaço.

No que concerne ao conceito de lugar, considerando-se que, conforme Buttimer (1982, p. 178), “cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido”; então, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p.83). Isto é, “o lugar significa mais que o sentido geográfico de localização, ele tem a ver com tipos de experiência e envolvimento com o mundo” (RELPH, 1979, p. 25), portanto, o “lugar é um centro de significados construídos pela experiência” (TUAN, 1975, p.152).

Ainda Tuan (1975) postula que “o lugar tem muitos significados que são atribuídos pelas pessoas e traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos”.

Nesta latitude de abordagens, convém considerar que, quando brota a sensação de pertencimento e afetividade, surge o conceito de lugar, isto é, o sentido de lugar está para espaço assim como lar está para residência. Assim, é pertinente a explanação de Bartoly (2011, p.73) quando diz que “o lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades [...] nessa porção do espaço geográfico” (BARTOLY, 2011, p.73).

Assim, segundo Entrikin (1991, p.7):

Nós vivemos nossas vidas dentro do lugar e temos o senso de ser parte do lugar, no entanto também o vemos como algo separado, algo externo. Nossa vizinhança é tanto uma área centrada em nós mesmos e nosso lar, bem como uma área contendo casas, ruas e pessoas que podemos ver a partir de uma perspectiva descentralizada ou externa. Assim o lugar é tanto um centro de significado como um contexto externo de nossas ações (ENTRIKIN, 1991, p. 7) <sup>4</sup>.

Decorre dessa compreensão de ser parte do lugar, a designação Topofilia que, segundo Tuan (1974), é o “elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico - difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal.” Esse elo é robusto porque a familiaridade e afeição com o lugar servem como salvaguardas para “o indivíduo contra as perplexidades do mundo exterior”.

Em troca dessa segurança, o nativo envelopa o lugar com a imagem de “um mundo ideal”. O êxito desse arquétipo mirabolante “depende da remoção dos defeitos embutidos no mundo real”. Como essa remoção é uma utopia<sup>5</sup> (u=não, topós = lugar), ele tece, no tear da condescendência, um espesso véu de afetividade topofílica, e estende-o sobre os aspectos desagradáveis da realidade, promovendo a própria miopia seletiva ou cegueira voluntária, a fim de que seja preservado o prestígio do lugar armazenado nos registros de seus pensamentos afetivos.

Dado que cada pessoa tem seu lugar primevo, a partir de onde o deslocamento inicial de seu sistema pessoal de referência se desenrola, esse “lugar” passa a ser “um centro de significados construídos pela experiência”, isto é, “sentir o lugar em uma mistura singular de cheiros, sons, vistas,” e outros “infinitos estímulos sensoriais” que lhe chamam a atenção e se lhe tornam familiares (TUAN, 1975, p. 152 e Harvey, 1994, p. 127).

Com essa ideia, concorda Carlos (1996, p. 29), ao dizer que “o lugar das relações humanas entre homens e a natureza é tecido por relações sociais que se realizam no plano do viven-

4 We live our lives in place and have a sense of being part of place, but we also view place as something separate, something external. Our neighborhood is both an area centered on ourselves and our home, as well as an area containing houses, streets and people that we may view from a decentered or an outsider's perspective. Thus place is both a center of meaning and the external context of our actions (ENTRIKIN, 1991, p. 7).

5 Utopia um termo criado pelo escritor Thomas More em seu livro de 1516: Um pequeno livro verdadeiramente dourado, não menos benéfico que entretedor, do melhor estado de uma república e da nova ilha Utopia, que é mais conhecido simplesmente por Utopia. Nesse livro ele ironiza a possibilidade de uma sociedade ideal.

ciado, "assim, postulando que "a construção de uma rede de significados e sentidos" decorre da "história e cultura civilizadora", que "produz identidade".

Berger e Luckmann (1994), ao falarem sobre a aquisição e interiorização de conceitos de mundo durante a primeira socialização, declaram que ela:

Interioriza-se como sendo o mundo, o único mundo existente e concebível, o mundo *tout court*. É por esta razão que o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias (BERGER & LUCKMANN, 1994, P. 180).

Para Berger e Luckmann (1994), a socialização primária é aquela que ocorre no ambiente familiar, a primeira sociedade em que uma criança se vê inserida. Depois disso, ela tem uma socialização secundária oriunda do convívio com os amigos, com a escola e o mundo externo ao da família.

O ambiente cria condições para o contato com o imaginário social coletivo estabelecido em um lugar. Ele chama a atenção e causa admiração. Induz à imitação, motiva a repetição, gera o hábito, semeia apreciação afetiva, motiva a dedicação de tempo e esforço, favorecendo o aperfeiçoamento, incorpora-se à personalidade moldando-a, e uniformiza o caráter identitário das práticas sociais pertinentes ao lugar, pois, em harmonia com Durkheim (1978), "viver em sociedade significa viver sob a ótica da dominação da lógica social."

O lugar é marcado por um tripé composto de "percepção, experiência, e valores" (TUAN, 1980).

**Figura 01.** Exemplificação do tripé de Tuan (1980)



**Fonte:** Adaptado Tuan (1980).

Este tripé, encadeado pela linguagem, infiltra-se no imaginário social do indivíduo e reflete e refrata seus conceitos, valores, costumes e artes, influenciando sua toponímia.

Bourdieu (2005, p. 211-213) fala sobre o aprendizado dos implícitos sociais, dentro dos quais, se encontram também os desencadeadores do sentimento de topofilia, usando as expressões: "esquemas de pensamentos inconscientes", "internalizações não explicitadas", "afinidades subterrâneas" e outras sinônimas para exprimir que há na sociedade aprendizados que se impõem sem necessidade de explicitação.

Também Bakhtin (2000) afirma que, na socialização primária, um conjunto quase homogêneo de valores e tradições acatadas da sociedade instalam-se na mente do indivíduo:

A época, o meio social, o micro mundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas - que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma dão o tom, são obras científicas, literárias, ideológicas, nas

quais as pessoas se apóiam, às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das épocas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras [...] (BAKHTIN, 2000, p. 313).

Ao nascer, uma criança herda “tradições acatadas”, “esquemas de pensamentos inconscientes”, “internalizações não explicitadas” que redundam em um paradigma aceito como padrão único de mundo que é imposto arbitrariamente, como asseveram Berger e Luckmann (1994):

Na socialização primária, não há problema de identificação. Não há escolha do candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem de aceitar como tais sem possibilidade de optar por outro arranjo (BERGER E LUCKMANN, 1994, P. 182).

Deve ser levado em conta que a linguagem também é um fato social (LABOV, 2010, p. 4 e 7) arbitrário dentro das “tradições acatadas”, “esquemas de pensamentos inconscientes” e “internalizações não explicitadas”. Com o viés de Bakhtin (2000, p. 279), de que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”, concordam Berger e Luckmann (1985, p. 181), quando declaram que “é a linguagem que tem de ser interiorizada acima de tudo”, pois, “com a linguagem; e por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido”.

Nessa direção, assim como o ambiente social de aprendizado lingüístico inicial aciona o equipamento padrão da fala (CHOMSKY, 1957), configurando-a e estabelecendo-a como vernáculo para o indivíduo; de igual forma, o sentimento de afeição pelo lugar ou topofilia é também esculpido sobre as bases espaciais iniciais da criança, engendrando, em seu mundo psíquico, moldes, filtros e válvulas subscientes, por onde fluirá seu pensamento lógico, e arbítrios de valores pessoais, estabelecendo suas opiniões, modos de ver e sentir as coisas, os fatos, as pessoas, os espaços e o lugar.

Dessa forma, o que é bom ou mal, agradável ou repulsivo, belo ou feio, cortês ou rude é deliberado mediante seu gabarito inconsciente subjetivo.

Tuan, (1980, p.129) declara que:

*Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1980, p. 129).*

No entanto, devido ao emprego das palavras *acidente* e *propósito*, cumpre questionar se, de fato, a atenção é capturada ao acaso, ou trata-se de um efeito previsível da ação de mecanismo planejado da química cerebral, disparado e abastecido com experiências sociais e afetivas. Bisch (1948 *apud* Fayard, 1975) afirma que “a mente inconsciente se considera como o passado histórico de uma pessoa”, porque:

No inconsciente estão armazenados todos os seus pensamentos e sentimentos e experiências, como também as reações que os ocasionaram. Somos o que somos devido ao que temos sido desde o berço. De fato o que se experimentou durante a infância, especialmente as experiências carregadas de emoção, são as mais importantes para a formação do caráter e a personalidade do adulto. Nosso passado nos controla em grande medida como marionetes por fios invisíveis (BISCH, 1948, *apud* FAYARD, 1975, p. 245).

Como já apresentado, a formação do arbítrio, especificamente do sentimento de pertencimento e topofilia não é tão acidental ou subjetivo como possa parecer. Ele tem sua gênese na “construção de uma rede de significados e sentidos decorrente da história ou cultura civilizadora”; da “aquisição e interiorização de conceitos de mundo, durante a primeira e a segunda socialização” e dos “estímulos sensoriais” oriundos da “percepção, da experiência, e do aprendizado de valores sociais.

Como visto em Tuan (1975, p. 152), “sentir o lugar” é “uma mistura singular de estímulos sensoriais”. A visão, audição, tato, paladar, olfato, nocicepção (sensação de dor), termocepção (percepção de alteração térmica, frio, calor), propriocepção<sup>6</sup> (percepção espacial do corpo), interocepção<sup>7</sup> (percepção fisiológica e patológica), resultantes de complexo funcionamento do cérebro enquanto processa intensa comunicação neural para assimilar, registrar, gravar, gabaritar e arquivar os circuitos interativos percorridos pela informação. Isto se dá por meio de sinapses elétricas e químicas.

Em uma descrição simples, a aparência de um neurônio, observado em um microscópio eletrônico, pode ser comparada a um ovo frito visto de cima e que tem, ao longo de todas as suas bordas, ramos incrustados, de onde irrompem centenas de raízes finas como brotos de feijão. No entanto, de uma de suas margens, alonga-se uma cauda semelhante a uma tira de salsichas seguida por mais centenas de estirpes como filamentos desgrenhados. Visualize-se assim, essa célula nervosa, denominada de neurônio.

**Figura 02.** Representação de um Neurônio



**Fonte:** Nascimento Neto (2019).

Os neurônios são células do sistema nervoso compostos essencialmente por três regiões responsáveis por funções específicas, a saber: o pericário ou corpo, os dendritos – (do grego déndron - dendrov - árvore), e os axônios – (do grego áxon- axov - eixo). Os dendritos ramificam-se profusamente e foram desenhados para receber estímulos elétricos excitantes da membrana e os axônios são um filamento único, porém, maior que os dendritos, e servem como transmissores.

Neles há um cone de engate, um túbulo condutor e um bastão terminal por onde o axônio entra em contato com os outros neurônios vizinhos, enviando impulsos nervosos químicos e elétricos, para partilhar informações em um processo denominado sinapse, que forma uma rede neural com circuitos de hábitos (FAYARD, 1975, p. 97).

Os neurônios produzem substâncias químicas chamadas de neurotransmissores a fim de serem empregadas como veículos de transporte das informações neurais entre si.

6 Propriocepção (percepção espacial do corpo) é o termo utilizado para nomear a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais.

7 Interocepção é o fenômeno através do qual o ser humano toma ciência de seu próprio status fisiológico ou patológico. (Murphy J et al. Interoception and psychopathology: A developmental neuroscience perspective. DevCogn, Feb;23:45-56, 2017). Doi: 10.1016/j.dcn.2016.12.006. Epub 2016 Dec 23.

Neurotransmissores são biomoléculas liberados no processo sináptico entre os neurônios. Eles são de vários tipos, e deles dependem as respostas dadas pelos neurônios a determinado estímulo, por exemplo, as respostas podem ser de cunho excitatório ou inibitório.

Como outros neurotransmissores<sup>8</sup>, a Dopamina, segundo Barnard (2013, p.177), também é acumulada em vesículas neurais, mas faz parte dos opiáceos naturais, porque, quando disparada, desperta sensações de relaxamento, prazer e bem-estar. Ela é produzida em uma região do cérebro chamada de substância negra, um centro de recompensas. No decorrer de circunstâncias agradáveis, a dopamina é estimulada e liberada gerando assim essa sensação de alacridade.

O processo ocorre quando Impulsos elétricos excitam as vesículas neurais contendo dopamina, liberando-a por meio de exocitose<sup>9</sup>, assim ativando um circuito pontífice sobre a fenda existente entre a membrana do terminal transmissor e a do neurônio receptor vizinho.

Se a frequência dos pulsos aumenta, mais vesículas são liberadas, avolumando também o fluxo desses neurotransmissores. Isto torna o circuito cada vez mais trafegável, robusto e aberto sobre a fenda sináptica.

Embora reversível, pois os neurotransmissores não podem continuar ligados permanentemente aos receptores, dada sua necessidade de voltar ao estado de repouso para receberem novas mensagens, o gatilho desencadeador do hábito foi disparado.

Estudos recentes mostram ainda que a dopamina esteja relacionada à capacidade de memorização. Segundo Barnard (2013, p.177), esse sentimento de exultação, gerado pela ação da dopamina, faz com que as informações fiquem armazenadas por um período maior na memória, pois, trazer à lembrança aromas, sabores, cores e demais sensações é uma função ordinária do cérebro.

A dopamina fica “aguardando” a ação externa acionadora do impulso elétrico que a liberará para gerar sensações deleitosas no cérebro. Após esse deleite fulgaz, endorfinas causam uma conseqüente sensação de relaxamento agradável mais duradoura. Estes dois neurotransmissores frequentemente operam como associados na efetivação de duplo prazer e bem-estar, o que motiva a repetição de práticas que promovam novas liberações de dopaminas.

Em decorrência dos eventos ora declinados, infere-se que o meio, a partir de onde o deslocamento inicial de seu sistema pessoal de referência se desenrola, supre os *inputs* primários que assinalam na mente do indivíduo, o mundo único e agradável, pela construção de uma rede de significados e sentidos que suscitam o senso toponímico de familiaridade e pertencimento.

Oriundo desse prosaeterno de fenômenos, é possível depreender que, a princípio, os significados e sentidos toponímicos decorrem, em grande medida, da interpretação dos variados níveis de intensidade das sensações traduzidas como afáveis ou hostis, pelos esquemas de pensamento do indivíduo.

Como um escultor que esculpe no mármore os contornos, protuberâncias e concavidades para cunhar uma imagem, as sensações, motivadas pelo meio, forjam o gabarito ou bitola que ressalta por excitação, retração ou moderação os esquemas de pensamento.

Dessa forma, nos termos empregados por Bourdieu (2005, p. 211-212), os “esquemas de pensamento que organizam o real” e que fazem “com que aquilo que pensa seja pensável para ele como tal e na forma particular pela qual é pensado”, decorrem das “afinidades subterráneas” e produzem indivíduos dotados desse sistema de “esquemas inconscientes internalizados” que constituem sua cultura.

No entanto, Geertz (1989) apregoa que não somente as causas da formação da cultura, dentro dos quais se encontram os sentimentos de pertencimento e topofilia, devem ser estudadas, mas também suas conseqüências:

<sup>8</sup> Acetilcolina – sua liberação é responsável pelo aprendizado, memória e atenção, bem como pela constrição dos brônquios e vasos sanguíneos, e contração de fibras musculares; a Serotonina – de sua liberação deriva o bom humor, alegria, relaxamento e sensação de bem-estar, a Noradrenalina – relacionada com o estado de alerta e ativez, aumento dos batimentos cardíacos e conseqüente excitação mental e física; e outros.

<sup>9</sup> Processo ativo no qual o material intracelular é transportado, através de vesículas, para o meio extracelular. Disponível em <https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Glossario/e.php>. Acesso em: 06/08/2019.



Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica, o problema se a cultura é uma conduta padronizada ou um estado da mente, ou mesmo as duas coisas, de alguma forma, perde o sentido (...). O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com sua ocorrência (Geertz, 1989, p. 20).

Partindo dessa premissa, pode-se prever que o sentimento de topofilia, dado seu abundante manancial de matéria-prima psicológica e emocional, pode ser empregado como instrumento de proselitismo político-ideológico no afã de moldar o comportamento social.

O tópico acima declinado indicou que, o lugar tem um significado maior que o de espaço geográfico porque tem a ver com o significado construído pelas experiências vividas ali, portanto envolve vínculos afetivos e subjetivos, engendrados a partir de estímulos sensoriais que formam conceitos e arbítrios pessoais e coletivos resultantes de impulsos elétricos do cérebro em sinapses.

Na parte a seguir, tratar-se-á sobre o proselitismo político-ideológico na toponímia e sua natureza retórica de convencimento pela associação e fusão de ideias a serem internalizadas e arbítrios já mentalmente fundamentados.

A palavra “proselitismo” tem sua formação etimológica composta pelos radicais gregos *pros*<sup>10</sup> (à frente, a favor de), *eluth*, raiz de *erkhesthai* (ir ou vir com sentido de aderir) e *ismos*<sup>11</sup> significando doutrina ou sistema<sup>12</sup>.

Proselitismo é a “atividade ou esforço de fazer prosélitos” ou adeptos (HOUAISS, 2019), logo, proselitismo político-ideológico pode ser entendido como qualquer atividade destinada a tentar captar seguidores para uma causa, doutrina ou ideologia política.

Nesse contexto, é possível fazer-se propaganda política travestida de proselitismo na promoção de ideologias, interesses, padrões, e status quo pertinentes às forças sub-reptícias do poder, associando-os simbolicamente com o sentimento acalentado e interiorizado de topofilia.

A associação é um processo subconsciente em que a mente humana, partindo de uma ideia indutora suscita instantaneamente outras dentro de um encadeamento baseado no que elas tenham em comum (conexão natural). Para Pinker (2005, p.96-97), “as representações de duas coisas semelhantes têm mais símbolos em comum e menos símbolos não comuns do que tem as representações de coisas dessemelhantes”.

O processo de associação de ideias se dá, na ótica de Pinker (2005, p. 115), porque para o indivíduo, em seus modos de ver o mundo, “a forma de uma representação determina o que se pode inferir dela facilmente”.

Pinker (2005, p. 229) ainda diz que ver o mundo significa “construir o mundo como coisas e materiais reais”, mas somente “quando o mundo se assemelha ao meio ancestral é que vê-mo-lo como é.”

Segundo Hume (1999), a associação de ideias ocorre quando uma ideia se funde a outra em que haja para o indivíduo familiaridade simbólica:

As numerosas operações do espírito humano dependem da conexão ou da associação de ideias [...]. Especialmente a simpatia entre as paixões e a imaginação mostrar-se-á talvez notável, quando observamos que *as emoções despertadas por um objeto passam facilmente a um outro unido a ele*, mas se misturam com dificuldade, ou de nenhum modo, com objetos diferentes e sem nenhuma conexão (HUME, 1999, p. 18) (Itálico meu).

10 (HOUAISS, 2019).

11 -ismo serve para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos (HOUAISS, 2019).

12 Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/proselito/> Acesso em 12/10/2018

Dessa forma, um ponto positivo é ligado a coisas como positivas, bem como um ponto negativo pode embalar como negativas outras representadas.

Como visto anteriormente, o estabelecimento em um território vem inexoravelmente acompanhado não só de ideais, mas também da cultura e da ideologia de que o homem está imbuído.

A tentativa de institucionalizar, homenagear, simbolizar e eternizar sua linguagem, seus costumes, valores, e cosmovisão e sentimento de propriedade passa ser uma motivação toponímica.

Para Furtado (1960, p.8) os topônimos balizam, definem e delimitam uma área cultural, representando assim, a própria fisionomia do país, comparando-os a fósseis lingüísticos, que refletem os estratos históricos, sociais e filosóficos daquele lugar.

Numa perspectiva de intencionalidade, Claval (2001, p.189) desmistifica a inocente concepção de que, como é virtualmente impossível referir lugares específicos nos mapas, sem empregar os nomes dos lugares, então, a única função dos nomes geográficos seria identificar simbolicamente os lugares e suas características cartograficamente, (ERWIN RAISZ, 1948, *apud* FURTADO, 1961, p. 7), quando afirma:

A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores [...] o batismo dos espaços e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço (CLAVAL, 2001, p.189).

Sobre empregar a toponímia como meio de apropriação cultural e linguística, convertendo o *espaço* em *lugar*, Nash (2013) declara que, isso se dá, porque os seres humanos inventam, reinventam e recriam o lugar como prática de nomear” (NASH, 2013, p. 11).

Dessa forma, na base ou etiologia de um topônimo está fossilizada a inscrição da ideologia, crenças, história, geografia e filosofia que motivaram e conferiram identidade ao lugar.

Associar as experiências de uma comunidade de dado lugar a idéias e ideologias parece fomentar um ambiente propício a ações proselitistas.

## Considerações Finais

Constatou-se também que a representação mental é essencialmente simbólica, e suas conotações resultam de experiências vividas. Suas percepções decorrem de associações que influem na escolha e tomada de decisão. Essas associações representam-se por meio do nome, que é um símbolo.

Descobriu-se que, desde o passado, os objetos materiais da cultura do poder, destinados à visualização de seus feitos, têm tons de proselitismo, por meio do nome, e são, de igual forma, retratados nos implícitos culturais da sociedade hodierna. Dentre um destes implícitos está o nome. A escolha de um nome é motivada.

Percebeu-se também que a palavra final quanto a nomear um topônimo decorre do poder a despeito da cultura e características próprias do lugar e de sua comunidade.

## Referências

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F.(org.) A geografia na sala de aula. In: DUARTE, M. de B. (etall) **Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia**. Revista eletrônica: Caminhos de Geografia 17 (16) 190-196. UFU, 2005.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: SOUZA, E., Porto Alegre: Globo, 1996.

BAKTHIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARNARD, N. B. **Power foods for the brain: an effective 3-step plan to protect your mind and strengthen your memory**, New York: Grand Central Life & Style., 2013, p. 177.

BARTOLY, F. S. **Debates e perspectivas do lugar na geografia**. GEOgraphia (UFF), v. 26, p. 66-91, 2011. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/454/325>. Acesso em 26 set 2018.

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 248p.

BONNEMAISON, Joel. **Voyage Autour du Territoire**. In: *l'Espace géographique*, 10 (4): 249-262, 1981.

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BUTTNER, A. **Campo de Movimento y sentido del lugar**. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) *Teoría y Método em la Geografía Anglosajona*. Barcelona, Ariel, 1985.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.

CHOMSKY, N. **Estruturas Sintáticas**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**, 2ª. ed. Florianópolis: EduFSC, 2001.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ENTRIKIN, J.N. **The betweenness of place**. London: Macmillan Education, 1991.

FAYARD, M. I. **A Chave da Felicidade e a Saúde Mental**. 7ª. ed. São Paulo: CPB, 1975.

FURTADO, S. M. **A Toponímia e a Cartografia**. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1960.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

HARVEY, D. **The social construction of space and time: a relational theory**. *Geographical Review of Japan* v.67, n.2, 1994.

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NASH, J. **Insular Toponymies. Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island**. Amsterdam, Netherlands: John Benjamins Publishing Co, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Uma cartografia simbólica das representações sociais. Prolegômenos à uma concepção Pós-Moderna do Direito**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N. 24, Março de 1988. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Cartografia\\_simbolica\\_RCCS24.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Cartografia_simbolica_RCCS24.PDF). Acesso em 08/ago/2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/sociologia/outra\\_globalizacao.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf). Acesso em: 09/jul/ 2019.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção** - 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. V. **A Balaiada e a Insurreição dos Escravos no Maranhão**. São Paulo: Ática, 1983.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **O futuro das megacidades: dualidade entre o poder e a pobreza Cadernos Metr pole**, n m. 19, enero-junio, 2008, pp. 15-25. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402837800001> .

TERRA, L. **Geografia geral e geografia do Brasil: o espaço natural socioecon mico**. São Paulo: Moderna, 2005.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Place: an experiential perspective**. Geographical Review, v. 65 n. 2, 1975, p. 151-165.

\_\_\_\_\_. **Space and Place: humanistic perspective**. In: Gale, S.; Olsson, G. (eds.) Philosophy in Geography. Dordrecht, ReidelPubl. Co., 1979 p. 387-427.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974. 288 pp.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALPY, A. J. **An Etymological Dictionary of the Latin Language**.1828, de Francis Valpy.

WATKINS, C. **The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots**.3<sup>rd</sup>.ed. USA: HoughtonMifflinHarcourt, 2011.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.